

Interesses em jogo – Uma análise da relação entre as fontes jornalísticas e os estudantes de jornalismo¹

Lucas KARAS²

Felipe HARMATA³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

Resumo

A presente pesquisa pretende analisar a relação dos estudantes de jornalismo com as fontes jornalísticas e apurar se existe diferença no tratamento das fontes entre jornalistas formados e estudantes de jornalismo. Para isso, é necessário, primeiramente, entender o que significa ser uma fonte no jornalismo e quais os interesses e/ou crenças que podem auxiliar ou prejudicar essa relação com os estudantes. Também é importante ressaltar o espaço que as fontes têm dentro das faculdades de jornalismo. Com este embasamento teórico e com os resultados obtidos através da análise empírica, por meio de entrevistas com estudantes e com as fontes e/ou assessorias, será possível entender de que forma esse relacionamento se constrói e se aplica no dia a dia.

Palavras-chave: fontes jornalísticas, estudantes de jornalismo, entrevista, assessoria de imprensa.

1. Introdução: A importância da fonte

O jornalista tem uma função essencial: relatar fatos. Ou seja, tornar público algo que a sociedade, de um modo geral, não teria contato se não fosse pela notícia (e, conseqüentemente, pelo seu produtor). Contudo, por mais que o jornalista tenha de saber um pouquinho de tudo, é impossível ele ser especialista em todos os variados assuntos que aborda durante o exercício da função. É aí que entram as fontes. Pessoas, documentos, instituições que ilustram as matérias e as tornam mais claras tanto para o jornalista, na hora de redigir, como para o público, no momento em que lê, escuta ou vê a notícia na sua frente.

Como observa o professor Nilson Lage, são raras as matérias jornalísticas que não possuem fontes em seu interior. “Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente de observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes” (LAGE, 2001, p. 49). Além de contextualizar melhor o assunto, as

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: lucas-karas@hotmail.com

³ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: feharmata@yahoo.com.br

fontes também contribuem com a construção de uma maior credibilidade para a notícia. Como define Traquina (2005) “um dos aspectos fundamentais do trabalho jornalístico é cultivar as fontes” (TRAQUINA, 2005, p. 190).

Contudo, assim como os assuntos que os jornalistas abordam diariamente, as fontes também podem ser das mais variadas possíveis. Por isso, é relevante usar um critério de classificação, para definir as fontes. Para isso, o autor usará o critério do jornal Folha de São Paulo, um dos mais tradicionais veículos do país. Em seu Manual da Redação (2011), a Folha elenca quatro tipos de fontes: a zero, a um, a dois e a três.

De acordo com o Jornal, a fonte tipo zero seria aquela “escrita e com tradição de exatidão, ou gravada sem deixar margem à dúvida: enciclopédias renomadas, documentos emitidos por instituição de credibilidade, videoteipes” (FOLHA, 2011, p. 38). Já a tipo um é a mais confiável, quando a fonte for uma pessoa. Neste caso, ela tem um histórico de confiabilidade, conhece o assunto que está sendo questionado, além de estar sempre próxima ao fato e não ter interesses imediatos na divulgação da informação. A Folha admite que, neste caso, sejam publicadas as informações da fonte tipo sem a checagem com outra fonte (FOLHA, 2011, p. 38).

A tipo dois “tem todos os atributos da um, menos o histórico de confiabilidade.” Esta fonte, de acordo com o jornal, requer sempre o cruzamento com, pelo menos, mais uma fonte (do tipo um ou dois) antes de ser publicada. Por fim, a fonte tipo três é aquela que o jornalista deve menos confiar. “É bem informada, mas tem interesses (políticos, econômicos, etc) que tornam suas informações nitidamente menos confiáveis” (FOLHA, 2011, p. 38).

O jornal indica que, com estas fontes deste tipo em mãos, o jornalista deve utiliza-la apenas como um ponto de partida para uma apuração mais aprofundada, com os outros tipos de fontes, mais confiáveis. Em último caso, a declaração ou o fato explicitado pela fonte tipo três deve ser noticiado apenas como um rumor, ou seja, uma informação não confirmada.

Com estes critérios, fica clara a importância da fonte para o jornalismo e para o jornalista. É ela que subsidia a informação, que fundamenta os fatos e que facilita a compreensão da notícia. Ou seja, a fonte é essencial para a produção jornalística. Seja do profissional ou do estudante. Os universitários, inclusive, necessitam igualmente das fontes, por mais que com objetivos diferentes. Mas, se esse relacionamento é necessário, como acontece essa interação entre os estudantes de jornalismo e as fontes jornalísticas? É isso

que este trabalho pretende analisar. Para isso, na parte empírica, foram ouvidos, através de entrevistas, estudantes e fontes jornalísticas. O autor também trará neste trabalho um apurado teórico sobre os interesses da fonte em participar da produção jornalística e sobre o ensino do jornalismo no Brasil, denotando a importância da fonte na preparação do estudante para a vida profissional. Logo, com o embasamento teórico e com a análise do material empírico será possível compreender de que forma se dá esse relacionamento e se há diferença no tratamento das fontes jornalísticas para jornalistas formados e estudantes de jornalismo.

2. O interesse em jogo

As fontes aparecem diariamente na mídia. Algumas mais, outras menos. Mas não tem jeito. Basta folhear o jornal e você encontrará facilmente dezenas ou até centenas de fontes em uma única edição. Mas, por que elas aceitaram estar ali? Dentre os mais variados motivos, um que impera em vários casos é o interesse, que também é variado e oscila entre boas e más intenções.

Contudo, antes de entender os interesses é necessário analisar o motivo para existir tais interesses. Por isso, é viável resgatar uma das clássicas teorias do jornalismo, para compreender o poder que a mídia (ainda) tem de pautar a sociedade. Vamos então, falar da Teoria do Agendamento. Ela surgiu na década de 1970 e afirma que a mídia é capaz de determinar o que deve ser discutido e o que deve ser silenciado. Aquilo que deve ser mostrado e aquilo que permanecerá, exceto por outras forças que o tornem visível, no ostracismo e no esquecimento. É como se existissem duas sociedades: aquela mostrada pela mídia e aquela que está submersa sob as notícias (PENA, 2005).

Esta teoria é extremista, de certa forma. Afirma, em seu conjunto, que a mídia seria a única responsável por agendar a sociedade. Contudo, com o advento da internet e com as relações sociais do século XXI, a mídia já não detém (se é que deteve algum dia) a responsabilidade única e exclusiva de “pautar” a sociedade.

Contudo, os meios de comunicação ainda têm participação nisso. Basta lembrar do clássico caso da Escola Base, onde uma acusação inverídica comprada pela mídia condenou a vida de pessoas que até hoje sofrem reflexos do histórico erro do jornalismo brasileiro.

Logo, estar na pauta dos meios de comunicação e, conseqüentemente, na “pauta da sociedade”, é deter o poder. Assim define Traquina (2005), ao citar Gans (1979):

Na realidade, fontes, jornalistas e público coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo da corda do que a um organismo funcional inter-

relacionado. No entanto, os jogos da corda são decididos pela força: e as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade (TRAQUINA, 2005, p. 197).

Portanto, é viável afirmar que muitas vezes há interesse das fontes em participar e integrar as notícias. “Para compor uma reportagem, o jornalista vale-se fundamentalmente, de fontes de informação, conhecedoras do tema, mas também nele interessadas (direta ou indiretamente, política ou economicamente, em busca de prestígio, vingança ou qualquer outro motivo)” (ROSSI, 2000, p. 50-51).

Em um relato sobre suas experiências em Brasília como repórter político, o jornalista Gilberto Dimenstein demonstra muitos casos onde o interesse motiva a fonte a falar, a mentir e a silenciar. “Um ministro não tende a dar informação a um jornalista que divulga críticas sobre suas decisões – ele é até capaz de passar a dar a notícia apenas na tentativa de ganhar sua complacência” (DIMENSTEIN, KOTCHO, 1990, p. 22).

Logo, o jornalista que busca a credibilidade, tende a ter atritos com o poder – e, em consequência, por ele é boicotado (DIMENSTEIN, KOTCHO, 1990). Ou seja, as fontes são motivadas a participar da notícia não, necessariamente, pelo interesse público, mas sim pelos interesses pessoais que aquela exposição na mídia – e, conseqüentemente, a detenção do poder – trará para a fonte.

É importante salientar que o jornalismo busca formas, ferramentas e critérios de trabalho para evitar cair nestes interesses das fontes. Ou seja, ele luta para não ser vítima daquilo que a fonte quer. Seja pelos conceitos impraticáveis empiricamente, mas buscados incessantemente da imparcialidade e da objetividade ou pelos critérios de inserção destas fontes nas notícias.

Porém, é possível afirmar que, às vezes, o interesse da fonte bate com a necessidade do jornalista em contar com aquele relato. E isso não é necessariamente um problema. Pois, deve ficar claro que nem sempre os tais interesses da fonte são de má fé. Uma ONG que realiza serviços sociais de interesse público pode buscar a imprensa para divulgar o trabalho que ela faz e obter a ajuda voluntária de novas pessoas que descobriam a ONG através da mídia. Ou seja, aí está o interesse dela em estar na notícia, que se enquadra nos critérios jornalísticos para o jornalista publicar a matéria. Logo, ambos os interesses foram atendidos e ninguém saiu perdendo.

Voltando aos interesses das fontes, em uma definição mais didática, Graça França Monteiro (2003) descreve que a mídia é “a arena ou o campo social no qual esses interesses tornam-se visíveis na batalha pela conquista do apoio da opinião pública” (MONTEIRO,

2003, p. 147). A autora ainda cita Rego (1986), ao afirmar que as organizações necessitam “criar e manter fluxos de comunicação para sobreviver” (MONTEIRO, 2003, p. 147). “Conclui-se, portanto, que um dos efeitos pretendidos (talvez o mais importante) pelas instituições (quaisquer que sejam elas), com a presença na mídia, é a conquista do apoio da opinião pública e, em consequência, a sobrevivência no mercado” (MONTEIRO, 2003, p. 147).

Está constatado, portanto, que a fonte pode possuir interesses dos mais variados para participar da notícia. É necessário analisar agora de que forma estes interesses podem alterar o atendimento da fonte entre um jornalista formado e um estudante de jornalismo. Esta será a análise empírica desta pesquisa. Porém, antes de partir para esta, é necessário traçar um rápido cenário do ensino jornalístico no Brasil e quais são as práticas dos estudantes de jornalismo com as fontes.

3. Uma etapa necessária

Existe um motivo para passar quatro anos aprendendo sobre lead e pirâmide invertida, sobre as diferentes formas de se fazer jornalismo nos diferentes meios e as teorias que envolvem a profissão. Afinal, é com o ensino do Jornalismo que o estudante aproxima-se do conhecimento teórico e prático da área.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, publicada em 2013, pelo MEC, consta que a formação jornalística deve ter o objetivo de “formar profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável, produzindo assim o seu aprimoramento” (BRASIL, 2013).

Já a Federação Nacional dos Jornalistas defende que:

A sociedade precisa, tem direito à informação de qualidade, ética, democrática. Informação esta que depende, também, de uma prática profissional igualmente qualificada e baseada em preceitos éticos e democráticos. E uma das formas - apenas uma, mas extremamente fundamental - de se preparar, de se formar jornalistas capazes a exercer tal prática é por meio de um curso superior de graduação específica em jornalismo (FENAJ, 2009, p. 36).

Mesmo com a queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo em 2009, a procura pelo curso continuou. Segundo o Guia de Profissões de 2012, em instituições de ensino como a USP – Universidade de São Paulo – a concorrência pode chegar a 35 candidatos por vaga. Na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – a concorrência é de 26 candidatos por vagas (SOUSA, BERTI, 2013).

Ou seja, mesmo sem a obrigatoriedade do diploma, a necessidade do ensino jornalístico em uma formação superior mostra-se necessário para atender aquilo que o mercado exige dos profissionais da notícia. Logo, uma aproximação com a prática jornalística é uma consequência inevitável para aquele que pretende atuar no jornalismo.

Pois bem, como descrito no tópico acima, a fonte é de vital importância para o exercício diário da profissão. Neste ponto, as Diretrizes Curriculares também demonstram a importância do uso criterioso da seleção das fontes nas competências pragmáticas no ensino do jornalismo.

Ainda neste foco, as Diretrizes afirmam que o estudante deve ter seis eixos de formação. Entre eles, a “prática laboratorial, que tem por objetivo adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades inerentes à profissão a partir da aplicação de informações e valores” (BRASIL, 2013).

Ou seja, o estudante precisa praticar. E a prática no jornalismo nada mais é do que a produção das notícias. Por sua vez, se o estudante precisa produzir notícias durante a sua formação universitária como jornalista, e, portanto, necessitará, invariavelmente, das fontes para construir as notícias. Contudo, como bem ressaltam as diretrizes, a produção é apenas laboratorial, com o fim de aproximar o estudante da prática da produção noticiosa. Logo, uma mesma notícia, publicada na Folha de São Paulo e em qualquer veículo laboratorial terá impactos e objetivos totalmente diferentes.

A primeira irá atingir milhares, se não milhões de leitores, devido ao alcance do veículo, atingindo o objetivo de proporcionar o consumo do produto-notícia, algo inerente à sobrevivência do jornal. Já a segunda deverá ter um público muito menor, obviamente. E, mesmo assim, o objetivo, neste caso, será cumprido. Afinal, a produção não serviu para (ou pelo menos não era o objetivo principal) tornar público aquele material e auxiliar na sobrevivência do meio onde foi veiculado. Mas sim, para o estudante praticar a produção da notícia. Se isto foi cumprido, dentro da lógica da formação universitária em jornalismo, o que vier a mais é lucro.

Portanto, é necessário questionar se, devido ao objetivo apenas de auxiliar na formação do estudante de jornalismo, as fontes estariam menos interessadas em participar da produção noticiosa universitária? Elas dariam menos atenção aos estudantes por não estarem em um meio de grande alcance e que auxilia no agendamento da sociedade - diferentemente dos jornalistas formados que atuam nos veículos profissionais? Por fim, compreender as interações entre os estudantes e as fontes jornalísticas e entender de que

forma se dá esse relacionamento, realmente, no dia a dia. Estes pontos serão abordados na análise empírica a seguir.

4. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa trabalhou com entrevistas qualitativas semi-estruturadas, gravadas em áudio, todas pessoalmente. Foram ouvidos estudantes e fontes/assessorias, para compreender os dois lados deste relacionamento e para analisar de que forma se dá essa interação entre estudantes e as fontes jornalísticas.

Ao todo, são nove entrevistados. Entre eles, quatro estudantes da Universidade Positivo, de Curitiba (Matheus Piska, 1º ano; Murillo Prestes, 2º ano; Jorge de Souza, 3º ano e Viviane Menosso, 4º ano) e quatro fontes, que aqui serão entendidas como as fontes, propriamente ditas e assessores de imprensa e afins. São eles: Evelise Barone, assessora de imprensa do Governo do Paraná; Kátia Chagas, diretora de comunicação da Assembleia Legislativa do Paraná; Claudia Silvano, coordenadora do Procon-PR e especializada em direito do consumidor e Júlia Abdul-Hak, sócia-proprietária da Backstage comunicação e assessora de diversos jogadores de futebol e também da Federação Paranaense de Futebol (FPF). Por fim, também foi entrevistada a jornalista Ana Kruger, que atua hoje na rádio CBN Curitiba e que se formou a menos de um ano.

A escolha dos alunos, cada um de um ano diferente se deu por conta do interesse em observar as diferentes respostas de diferentes estágios de aprendizado no jornalismo, para obter contradições, evoluções, etc. Já a escolha das fontes partiu das fontes mais destacadas pelos estudantes durante as entrevistas. São elas: fontes oficiais, ou seja, fontes relacionadas a órgão oficiais, como o governo e a Alep; fontes de notoriedade pública, ou seja, pessoas famosas ou conhecidas publicamente, como jogadores de futebol e o presidente da FPF; por fim, as fontes especializadas, ou seja, que possuem um conhecimento específico, como é o caso da Claudia Silvano. Por fim, a decisão em entrevistar, também, a jornalista recém-formada Ana Kruger, é para tentar identificar se há diferença no tratamento das fontes, quando você se torna um jornalista formado.

Para realizar a análise, o autor decupou todas as entrevistas e as transcreveu nas perguntas dos questionários (aplicados para os estudantes, para as fontes e para a jornalista), para perder o mínimo possível das respostas. Com isso, os questionários serão contrapostos e a partir daí será possível obter os resultados, exibidos logo abaixo.

5. Análise da pesquisa empírica

A análise será separada em três tópicos. O primeiro vai trazer um apanhado geral dos resultados obtidos com as entrevistas. O segundo irá abordar as dificuldades que estudantes e fontes relataram neste relacionamento e, por fim, demonstrar que essa interação é gerada (e gerida) através de interesses e objetivos que ficaram claros durante a análise.

5.1 Análise geral

Em todas as respostas, tanto estudantes como fontes afirmaram que a fonte é de suma importância para o jornalismo. No entanto, os entrevistados demonstraram certa divergência para definir se a fonte é dispensável em algum tipo de reportagem. Todas as fontes afirmaram que qualquer matéria jornalística precisa ter uma informação apurada, seja através de uma pessoa ou através de documentos e afins. Para Claudia Silvano, coordenadora do Procon e especialista em Direito do Consumidor, a fonte é indispensável para o jornalista buscar a verdade. “Você precisa ter a verdade, ou algo mais próximo dela. Mas como você vai fazer a matéria se não tem o dado? Não tem como você inventar.”

Já três dos quatro estudantes entrevistados entendem que a fonte pode ser dispensável, em determinados casos. Para Matheus Piska, do 1º ano, varia da reportagem. “Se for um tema que depende de informação, como o futebol, você precisa (da fonte). Enquanto outros temas, que são mais debate, como o racismo, fontes podem não ser tão relevantes.” Murilo Prestes, 2º ano, afirma que os personagens são dispensáveis, mas as fontes não. E para ele, “toda matéria precisa de fonte.” Por fim, Jorge de Souza diz que se a matéria for institucional - ou seja, referente à determinada organização em que o profissional atua e/ou assessora -, é possível que ela tenha apenas o relato do jornalista. “Mas em qualquer investigação, a fonte é necessária, para a notícia não ficar apenas na narração do jornalista, colocando fato sobre fato. Também é importante para mostrar o outro lado.”

Já para Viviane Menosso - a única universitária que afirmou que nenhuma matéria pode deixar de contar com uma ou mais fontes -, essa é uma questão de credibilidade, pois é preciso “ouvir quem estava no lugar, quem organizou, ou quem tá fazendo, para dar um peso maior. Se não vai ser só você (jornalista) falando. E daí, é muito fácil a pessoa que lê não acreditar.” Para Ana Kruger, a recém-formada, a fonte é indispensável.

Ainda falando sobre os estudantes, ficou claro que eles tendem a desenvolver um número de entrevistas maior ao longo do curso, o que demonstra que a prática acontece de verdade. Foi possível, inclusive, mensurar o número de entrevistas realizadas pelos estudantes do 1º ano (3) e do 2º ano (cerca de 30). Os outros dois, do 3º e do 4º ano, não arriscaram dizer um número. Já dentre as fontes que os universitários costumam usar destacou-se as oficiais e, em seguida, a testemunhal e a especializada. A fonte de notoriedade pública apareceu em casos de dificuldades com a fonte. O primeiro, quando o estudante Jorge de Souza citou um caso na Assembleia Legislativa e o segundo, quando a Viviane Menosso falou sobre a tentativa, sem sucesso, de entrevistar o Emicida, um cantor de rap brasileiro. Contudo, isto será abordado no tópico sobre as dificuldades.

Para finalizar, três das quatro fontes se consideram acessíveis. São elas a Cláudia Silvano, do Procon, o governo do Paraná e a Alep. Neste último, para Kátia Chagas, diretora de comunicação da Casa, a acessibilidade é natural, pois o político necessita da imprensa. “O político precisa da mídia. Muito. Porque ele vive da aprovação ou desaprovação popular.” Já Julia Abdul-Hak considera que depende muito do momento, exatamente por trabalhar, principalmente, com jogadores. “Se o cara fez o gol na final, ele vai falar a semana inteira, mas se, pelo contrário, perdeu um pênalti, aí ele não vai falar de jeito nenhum.” Em ambas afirmações, percebe-se que não há algo exclusivo aos estudantes, mas que afeta a imprensa (onde o universitário está inserido) como um todo.

5.2 Dificuldades

As principais dificuldades apontadas pelos alunos envolvem as fontes oficiais e de notoriedade pública que também são as menos acessíveis, segundo os universitários. No primeiro caso, o estudante Murilo Prestes, do 2º ano, relata que teve problemas com a Secretaria de Educação do Paraná. “Eu precisava de dados e que alguém falasse comigo. Nunca me atenderam e eu tentei várias vezes.” Já no segundo, Jorge de Souza relata que, quando ainda era calouro, tentou falar com a vereadora de Curitiba, Noêmia Rocha, sobre um projeto de lei. No entanto, mesmo começando com um mês de antecedência, a entrevista não ocorreu, após sucessivas remarcações por parte da fonte. Viviane Menosso também relata que teve um problema com uma fonte de notoriedade pública, no caso, o rapper Emicida. “Quando ele veio para Curitiba, o contato com a assessoria e com ele foi muito difícil. No final, ele acabou não dando entrevista para nenhum jornalista.” Para ela, no entanto, as fontes oficiais geralmente falam, sem maiores problemas.

A estudante do 4º ano ainda relata que mudou a sua postura em relação à cobrança da fonte. Ela afirma que, quando estava nos dois primeiros anos, solicitava a entrevista e ficava aguardando pela resposta, que às vezes demorava. “Agora eu mando e-mail e/ou ligo falando que eu preciso para determinado horário/dia. Sempre pedindo esse prazo. É mais rápido.” Exceto o estudante do 1º ano, os demais também falaram que costumam pedir esse prazo e cobrar a fonte, se não for cumprido.

Os universitários também destacaram que existe uma dificuldade em relação à expressão do veículo que representam, quando vão consultar fontes para uma matéria. Eles relataram que existe um descrédito nos estudantes por conta do pequeno alcance que o veículo universitário geralmente alcança. A fonte de notoriedade e a fonte oficial foram citadas como exemplos de descrédito por conta da fonte.

Além disso, a análise constatou que dois dos quatro estudantes (2º e 4º ano) ao abordar as fontes, deixam de falar que são jornalistas universitários, para tentar a entrevista de uma forma mais ágil. Murilo Prestes, do 2º ano, é bem radical. “Eu evito ao máximo falar que sou estudante. Falo que sou jornalista da Positivo, da Rede Teia. Mas nunca falo que sou estudante.” Já Ana Kruger, que se formou em 2014, afirma que omitia que era estudante para conseguir fontes de uma maneira mais ágil. Mesmo assim, ela não falava que era formada e se a fonte perguntava, ela falava que era estudante sem problemas.

Os alunos também falaram que algumas entrevistas já foram negadas a eles. Jorge de Souza (3º ano) relata que teve problemas com o Atlético-PR. A entrevista era com o presidente à época, Mario Celso Petraglia. O assessor já tinha permitido. No entanto, o próprio presidente desmarcou a entrevista. Já Murilo Prestes (2º ano), volta a falar do descrédito. Para ele, as fontes acreditariam que o jornalista universitário não vai produzir nada e por isso não vale a pena dar a entrevista.

Por fim, os estudantes acreditam que se estivessem em um grande veículo de comunicação, esse relacionamento seria mais facilitado. Tanto a fonte como a própria assessoria teria um interesse maior em participar da entrevista com os grandes veículos.

Já para as fontes, não existe uma dificuldade unânime no relacionamento com os estudantes. Cada entrevistado trouxe um ponto de vista diferente. Para Evelise Barone, do Governo, o maior problema está na falta de atenção dos estudantes, que não prestam atenção em informações que devem ser adicionadas à matéria. Em uma ocasião, inclusive, Evelise não quis falar com o estudante-repórter. Pediu para falar com a chefia de

reportagem. “Era um assunto muito delicado. Fiquei insegura que não chegasse como deveria. Por garantia e por segurança, eu falei com a chefe de reportagem.”

Já para Claudia Silvano, não existe dificuldade. Mas para ela, o que ocorre, e que é normal, é que a inexperiência do estudante é notável facilmente. “Ele pergunta várias vezes a mesma coisa, ele tem dificuldades, você não vê o traquejo que um profissional possui. Mas isso é absolutamente normal”. A arrogância dos estudantes foi citada por Júlia Abdul-Hak, que afirmou que os universitários pedem hoje algo para ontem e que, às vezes, esquecem que são apenas estudante. “É óbvio que nosso presidente (da FPF) vai dar uma preferência entre dar uma entrevista para a Gazeta do Povo do que para os estudantes. O estudante não sabe que no momento ele é um estudante”. É possível perceber aí, que existe um interesse maior em estar na Gazeta do que no veículo universitário, algo que será discutido no tópico a seguir.

No entanto, diferente daquilo que os estudantes falaram, todas as fontes afirmaram que não existe nenhum tipo de empecilho ou orientação para evitar o contato com os alunos. A maioria, inclusive, incentivou a prática da entrevista e afirmou que não tem problema algum conceder entrevista a estudantes. As fontes também afirmaram que, em nenhum momento foi negada uma entrevista para o estudante pelo fato simplesmente dele ser um.

Porém, existem certos problemas que desgastam essa relação. Entre eles, os fatos de deixar de falar que é um estudante. Para a coordenadora do Procon, Claudia Silvano, essa tentativa pode ter eficácia imediata, mas pode, no futuro, trazer resultados ruins. “Você já vai começar mal, porque o sujeito (fonte) vai descobrir que é mentira. Talvez tenha uma eficácia momentânea, mas aí você descobre que é mentira e acaba com a relação”.

Outro ponto citado pelas fontes é a forma como aquela entrevista será usada. Ficou constatado que as fontes têm o receio de que a informação seja publicada de forma errônea, não tanto por maldade do estudante, mas por inocência e inexperiência, que levam a fonte a ter “um pé atrás” com os universitários. Júlia Abdul-Hak cita um caso que retrata isso. “Recebemos uma pauta de estudantes, querendo o posicionamento da FPF sobre problemas com o campeonato amador. Mesmo a gente mandando, eles mantiveram a versão do clube amador. Aí, eu confessor, o presidente chega a falar: “mas será que eles vão usar o que eu falei?”. Finalizando, as fontes afirmaram que não há diferença no tratamento e na prioridade entre veículos de maior alcance. No entanto, assumiram que, muitas vezes o assessorado não pensa bem dessa maneira. E é isso que será discutido no próximo tópico.

5.3 Os interesses, os objetivos e a inexperiência dos estudantes

Através da análise empírica, ficou claro que existem três pontos principais que permeiam as relações entre as fontes jornalísticas e os estudantes de jornalismo: o interesse das fontes, o objetivo e a inexperiência dos estudantes. São estes três pontos que fazem com que esse relacionamento seja saudável ou conflituoso.

No interesse, as fontes, principalmente de notoriedade pública, parecem ter uma necessidade de estar na grande mídia. Isso se consolida na afirmação da Júlia Abdul-Hak, no tópico acima, sobre a preferência do presidente em dar entrevista à Gazeta do Povo, ou na experiência vivida pelo estudante Jorge de Souza, com a vereadora Noêmia Rocha. Mas também é possível observar isso em falas de Evelise Barone e Kátia Chagas, do governo e da Alep, respectivamente.

A primeira afirma que, “quanto ao meu assessorado, existe essa prioridade aos maiores veículos. Mas quanto a mim, não existe essa diferenciação, desde que o jornalista, seja estudante ou profissional, respeite os princípios éticos da profissão.” Já para Katia, essa diferença no tratamento, pode ser tratada em três pontos: “primeiro, porque eles (estudantes) não representam um veículo onde eles sejam funcionários ou que tenham um vínculo empregatício com alguma empresa; segundo, pela falta de interesse dos políticos em imaginar que a entrevista que ele vai dar não terá repercussão e, terceiro, pelo receio de que a forma de uso dessa entrevista possa ser distorcida e/ou cause algum prejuízo à imagem dele”.

Portanto, existe o interesse da fonte em falar. Mas no imaginário dela, ainda é imprescindível aparecer em uma Gazeta do Povo – o maior jornal do Paraná – em tempos que, segundo Kátia, qualquer informação pode estourar em qualquer canto do mundo e ter uma repercussão muito maior do que os veículos tradicionais da mídia.

No entanto, os objetivos do estudante, para as fontes, são diferentes do objetivo dos profissionais e por isso, o tratamento pode ser diferente. Segundo Júlia Abdul-Hak, enquanto todos os profissionais da imprensa estavam buscando informações sobre o momento de eleições que a Federação passava, um grupo de estudantes veio pedir informações de um assunto totalmente diferente. Para Claudia Silvano, do Procon, são esses objetivos distintos, relacionados à obtenção de prática, por conta do estudante *versus* a rotina profissional do jornalista que distingue essa relação com as fontes e por isso não dá para comparar uma coisa com a outra.

E, por fim, a inexperiência do estudante também pesa nesse relacionamento. Todas as fontes citaram que tem medo que o estudante venha a cometer certos erros, que vão desde a uma pergunta mal feita como a mal edição de uma entrevista. Por conta desta inexperiência, a fonte acaba ficando receosa em dar a entrevista, por temer a forma como ela vai ser utilizada. Neste ponto, existem duas situações, citadas pela fonte.

A primeira, é a falta de atenção no que é dito, como explica Evelise Barone, do Governo do Paraná. “O estudante não presta atenção no que você diz, mas mesmo assim, afirma que vai publicar, mas não publica, porque não anotou. E isso é comum”. E a segunda situação é a inocência do próprio estudante, que, às vezes para diminuir ou aumentar uma citação, acaba alterando algo central da fala e que poderá ter repercussão negativa perante a fonte. No entanto, essa edição não teve o objetivo de manipular a fala ou algo do tipo. Julia Abdul-Hak explica: “Acho que no caso do estudante, ainda seja mais inocente que o profissional, que assume a postura do veículo. O estudante, às vezes, apenas entendeu errado ou colocou em outra conotação que pareceu melhor para ele. No jornalista formado, eu vejo maldade. Inclusive, nem fico monitorando quando a matéria universitária vai sair, com a preocupação do que será escrito.”

Portanto, existem diferenças nas relações dos estudantes de jornalismo com as fontes jornalísticas, que são motivadas, segundo o que a análise empírica demonstrou, por esses três pontos citados acima. São eles que parecem reger todo o resto e é por conta destes pontos que a interação entre estudantes e fontes pode ser saudável e conflituosa. Tudo depende dos interesses da fonte – que não necessariamente são negativos – em falar, dos objetivos do estudante e de que forma ele vai lidar com a inexperiência para melhor trabalhar com as fontes, essenciais para o trabalho do jornalista formado que o universitário pretende ser.

Neste último ponto, ficou claro que a fonte pode ter receio em falar com o jornalista universitário, por conta dessa inexperiência. É o medo do mau uso daquela entrevista ou que aquela informação adicional que precisa estar na matéria seja ignorada pelo estudante que, até por inocência ou falta de atenção, deixa de colocar no texto, por não perceber a importância daquele dado, daquela declaração. Esse medo, inclusive, tende a se tornar um pré-conceito em relação aos estudantes, de uma forma geral.

Mas, mesmo com essas diferenças, ficou comprovado que os estudantes conseguem realizar as entrevistas com as fontes, de uma forma geral. E isso aumenta ao longo do curso. Ou seja, a prática existe e acontece. No outro lado, todas as fontes se

mostraram acessíveis ao estudante e afirmaram que, no geral, o relacionamento é tranquilo. Existem problemas, mas as próprias fontes disseram que tais dificuldades se aplicam também aos profissionais, às vezes apenas de uma maneira diferente, atrelada sempre aos objetivos do profissional.

Além disso, em vários relatos, as fontes incentivaram a busca dos estudantes pela prática da entrevista. Destacaram que o universitário precisa “colocar as mão na massa”, como disse Evelise Barone, do Governo. Ou seja, as fontes entendem as necessidades dos estudantes e, de uma forma geral, afirmaram que buscam sempre dar o mesmo tratamento, por mais que os três pontos tenham real influência nessa relação entre os estudantes de jornalismo e as fontes jornalísticas.

6. Considerações finais

Ao iniciar esta pesquisa, o autor tinha como certo que o interesse da fonte – principalmente em relação à exposição nos grandes veículos em detrimento aos menores, onde o estudante se encaixa – seria a principal dificuldade no relacionamento entre as fontes jornalísticas e os jornalistas universitários. Mas isso não se comprovou. O interesse surgiu, sim, como um dos principais pontos. Mas existem outros dois, que demonstram como existem demais fatores que interferem nessa relação.

O objetivo do estudante e a inexperiência do mesmo foram pontos que surgiram durante a análise empírica. Ao longo das entrevistas, foi ficando cada vez mais claro que o objetivo do estudante, geralmente, é diferente do objetivo do jornalista profissional. Enquanto o estudante precisa da entrevista para cumprir um trabalho acadêmico ou para praticar aquilo que aprende em sala de aula, o profissional necessita falar com a fonte para cumprir a pauta, algo que é seu serviço, sua obrigação.

Quanto à inexperiência, ficou claro que este é o ponto mais sensível dentre os três. Como dito no final do capítulo acima, elas têm medo de que entrevistas ou informações importantes sejam mal editadas, mal publicadas ou até ignoradas, não por maldade por parte do estudante, mas mais por conta da inocência ou até da falta de atenção do universitário. Esse medo, no entanto, se torna um pré-conceito, que pode afetar a relação com qualquer outro. Este ponto, portanto, pode ser o responsável por esse mantra, que os próprios estudantes e as fontes relataram, de que existe um tratamento diferenciado das fontes jornalísticas para estudantes de jornalismo e jornalistas formados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Parecer 39/2013 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação de 27 de setembro de 2013. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Jornalismo.**

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho, SOUSA, Evandro Alberto de. **O ensino de Jornalismo nas universidades brasileiras.** Reflexões em tempos de crises e evoluções da área. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1646-1.pdf>. Acesso em: 26/06/2015

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem.** São Paulo: Summus Editorial, 1990.

FENAJ. **Formação Superior em Jornalismo:** uma exigência que interessa à sociedade / Federação Nacional dos Jornalistas, organização. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/livro1.pdf>. Acesso em: 26/06/2015.

FOLHA. **Manual da redação: Folha de S. Paulo.** 17ª ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MONTEIRO, Graça França. **A notícia institucional, em Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica /** Jorge Duarte (org.). 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2005.

ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo.** 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.